



ETNOCONSERVAÇÃO: CAIPIRAS PAULISTAS, MERCADO DA MATA ATLÂNTICA E A DIMENSÃO SOCIAL DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Paulo Sergio de Sena

Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA Curso de Biologia, Av. Dr. Peixoto de Castro, 539-Vila Celeste. CEP 12606 - 580, Lorena, São Paulo, Brazil. Telefone: 55 12 2124 - 2830-pssena@gmail.com, biologia@fatea.br

INTRODUÇÃO

Os conceitos de Biologia, Ecologia e Conservação de recursos naturais necessitam manter um estado dialógico com a Sociologia, Antropologia... com as Ciências Sociais, resultando em produtos científicos que sustentam modelos etnográficos, etnoecológicos e etnoconservacionistas. Esse estado dialógico se estabelece no cotidiano da Ciência e das comunidades envolvidas direta ou indiretamente com a conservação de animais silvestres, vegetais nativos, enfim ecossistemas e biomas.

A Etnobiologia, preocupada com a sistematização das relações entre as comunidades e os conhecimentos biológicos, agrega a metodologia da abordagem da Etnoecologia para ampliar o olhar para a comunidade humana, no sentido de compreender as relações desses humanos com o ambiente próximo ou distante. (Gragson e Brount, 1999) No entanto, a percepção, a cognição e o uso dos recursos do ambiente, envolvidos por relações de poder na forma de políticas e argumentos históricos tornam - se intervenientes importantes para uma leitura da relação cultural com o ambiente, demonstrado por Leff (2000). Essa é uma oportunidade de se perceber o conhecimento local e as estratégias de uso dos recursos naturais e materializar o que Lévi - Strauss (1962) chamou de a “ciência do concreto” quando escreve *La Pensée Sauvage*, pensando em todos os saberes sobre a natureza.

Numa perspectiva Etnoconservacionista é possível traçar pistas para compreender as questões de fundo que articulam o conhecimento e as estratégias locais de uso dos recursos, as relações homem - natureza em comunidades ou grupos sociais locais ou tradicionais. (Diegues, 2000)

O cenário deste trabalho está inserido no Bioma Mata Atlântica, que se compõe de vários ecossistemas, principalmente de florestas, restinga, manguezal, jundu de praia, campos de altitudes entre outros. Esse “mosaico” de ambientes se distribui de Norte a Sul do Brasil, com diferenças geológicas, de altitudes, solos e climas, o que, de certa forma, justifica sua formação heterogênea de ambientes.

São ecossistemas que apresentam perfil tropical típico que favorece o desenvolvimento e a manutenção de uma das mais ricas biodiversidades do planeta (megabiodiversidade). O Bioma Mata Atlântica conta com aproximadamente 450 espécies arbóreas por hectare, em alguns de seus trechos. A fauna se compõe, por exemplo de 130 espécies de mamíferos (17 primatas, 23 marsupiais, 57 roedores), além de 160 aves, 140 répteis e 180 anfíbios já catalogados e em expansão. No entanto, esse Bioma não pode ser reduzido apenas aos refúgios para uma fauna e flora endêmica ou não, mas também se mostra competente para proteger os mananciais de água doce, os solos e as paisagens, tão importantes para as regiões que estão inseridas, além de culturas dos grupos sociais que aí vivem. (Sandeville Jr., 2004; Costa, 2008; Martins, Róz e Machado, 2009; SOS MATA ATLÂNTICA, 2009)

A Mata Atlântica tem grande importância histórico - cultural para o Brasil, visto que serviu de portal para a colonização no Século XVI. Seus recursos naturais foram utilizados para a manutenção do comércio europeu, bem como o uso da madeira Pau - brasil para a reconstrução de Portugal após o terremoto do Século XVIII. Atualmente, apesar das ações antrópicas, é cenário para a vida de diversos grupos sociais, entre eles os Índios (70 áreas indígenas), jangadeiros mais ao nordeste, caipiras e caiçaras no centro sul.

Pressionado por dois movimentos urbanísticos, do litoral para o continente e do continente para o litoral, esse Bioma vem perdendo sua megabiodiversidade, bem como suas características pedológicas e climáticas, condição que coloca a Mata Atlântica na classificação de *Hotspot*, isto é, um ambiente “natural” com alto risco de extinção.

Para esse trabalho, se fez um recorte dos povos da Mata Atlântica, destacando os Caipiras (Sitiantes), assim denominados por Darcy Ribeiro (1995), que vivem no Centro Sul do Brasil, entre os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Norte de Santa Catarina. O recorte proposto da visibilidade Etnoconservacionista ao modo de vida caipira quanto trata do uso dos recursos naturais do *Hotspot* Mata Atlântica (protegido por Parques Nacional, Estadual e Mu-

nicipal) por este grupo social tradicional, distribuídos em várias comunidades pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.

Esses Caipiras, considerados sitiantes, ocupam as áreas de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Norte de Santa Catarina. São um grupo social que se origina da miscigenação entre Portugueses, Negros Africanos e Índios. Espalharam-se pelo Centro Sul brasileiro por conta da agricultura da cana-de-açúcar e do café, da mineração e do tropeirismo associado à pecuária bovina.

Atualmente, os Caipiras se ocupam de atividades de subsistência, com poucas inserções no mercado local, por meio de agricultura itinerante, avicultura tradicional e pecuária bovina e suína. Durante os movimentos migratórios, o Caipira buscava as margens dos rios e o topo das montanhas, fugindo para lugares com acesso restrito à mecanização da agricultura. Com isso, propriedades e vilas rurais foram se estabelecendo a custa de derrubadas e queimadas de florestas nativas. Ao longo do tempo, em torno dessas propriedades e vilas rurais, as populações cresceram e suas subsistências também, incrementadas pela caça, coleta e pesca na Mata Atlântica.

Os Caipiras se deparam com o confinamento e o uso restrito daqueles recursos naturais da Mata Atlântica em Unidades de Conservação de Proteção Integral, recursos estes que sustentaram e escreveram sua história. A dialógica foi interrompida e a expropriação local se traduz cotidianamente na busca de novas estratégias e oportunidades.

Diametralmente, o questionamento desse trabalho fica por conta da problemática vivida pelos Caipiras e as Unidades de Conservação, quanto ao uso dos recursos naturais protegidos. Essas Instituições Governamentais conservacionistas associadas a outras Instituições públicas ou não-governamentais, de capital privado ou não, estão formatando produtos a partir da cultura tradicional de grupos sociais da Mata Atlântica e o uso dos recursos naturais aí encontrados, sob a alegação de que essa é uma estratégia de uso racional do recurso e de manutenção da cultura tradicional local. O que se quer saber nesse trabalho, em síntese é se o uso de instrumentos de certificação de recursos (matéria-prima) e produtos da Mata Atlântica, como estratégia de conservação dos recursos naturais e da cultura tradicional local, seria suficiente para gerar uma identidade para a Instituição Unidade de Conservação (Parque Nacional e Parque Estadual) do *Hotspot* Mata Atlântica como um elemento social da cultura Caipira?

A hipótese assumida foi de que os recursos da Mata Atlântica utilizados pelos Caipiras somente foram socializados para uso após terem sido ressignificados como recursos do mercado ocidental capitalista, o que não configura a manutenção da cultura. Houve apenas a apropriação do recurso e da cultura (manejo do recurso) como recurso de mercado. Logo a Unidade de Conservação do *Hotspot* Mata Atlântica não se constitui em um elemento social da cultura caipira, mas uma Instituição a serviço do mercado.

OBJETIVOS

Vincular a Cultura Tradicional ao conceito social de Unidades de Conservação;

Caracterizar a Cultura Caipira a partir do uso dos recursos naturais da Mata Atlântica;

Avaliar a estratégia de certificação de produtos para o mercado como elemento social para a significação social das Unidades de Conservação.

MATERIAL E MÉTODOS

O que se coloca como metodologia de abordagem é a sistematização das inter-relações entre a base territorial, a estrutura social e as estratégias do grupo social caipira para se compreender a conservação da natureza como uma instituição social.

O grupo social Caipira que se tornou o objeto deste estudo pertence ao Estado de São Paulo, mais particularmente do Vale do Paraíba (Alto e Médio Vale Paulista). Foi desenvolvido um inventário sobre a diversidade de recursos naturais utilizados e a elaboração dos produtos finais a partir de visitas aos municípios e aos artesãos, ao comércio, às feiras e festas locais.

De forma indireta, foi utilizado o Catálogo de Produtos Sustentáveis da Mata Atlântica certificados para o mercado, desenvolvido a partir de uma parceria entre Organizações Não-governamentais, Governo Brasileiro, Iniciativa Privada brasileira e a União Européia.

RESULTADOS

Num gradiente de relações entre ajustes sociais, uso do espaço e os recursos da Mata Atlântica, os Caipiras formam aquilo que Bauman (2003) defendeu como Comunidade, uma categoria terminológica que carrega significantes emocionais e que colocam seus atores em busca da segurança cotidiana.

Essa segurança da comunidade de Caipira da Mata Atlântica está ameaçada por, pelo menos, três eventos que se entrelaçam: Urbanização, Turismo e Unidades de Conservação de Proteção Integral. A expansão da urbanização e do turismo, bem como pela proibição de uso de recursos pelos Parques Nacional e Estadual, que discursa sobre a proteção (segurança) da natureza, são elementos que limitam a base territorial dessa comunidade, fato que influencia significativamente no modo de vida caipira, resultando em novas propostas de estrutura social do grupo, que deixa de ser pequeno e isolado para se mesclar com a sociodiversidade regional.

O que se constata é a materialização da hipótese de Chinoy (2006) que defende ser a garantia de segurança, a possibilidade de fazer crescer a comunidade a partir do enfrentamento dos problemas que o ambiente propõe como o uso restrito dos recursos e a ocupação limitada do espaço. O risco para as comunidades pequenas fica por conta do tipo de Cultura de subsistência que desenvolveram e que pode ser apropriada, num primeiro momento, pela região e descartada ao longo do tempo, criando os refugiados culturais, sem terras, sem teto, sem ambiência, sem natureza...

Numa perspectiva da Etnoconservação, a pressão maior sobre a comunidade de Caipiras são as restrições de ocupação e uso dos recursos naturais e dos ambientes de Mata Atlântica

sob gestão dos Parques Nacional e Estadual que envolve a Serra do Mar. Estes defendem a proteção integral dos recursos. Essa pressão desencadeou uma série de questionamentos e resultados que necessitam ser compreendidos, talvez como a dimensão social da Unidade de Conservação de Proteção Integral, criando limites e oportunidades para as comunidades tradicionais.

Dentre as várias ações apoiadas e promovidas pelos Governos Estaduais, Federal e de alguns países da União Européia, Instituições de capital privado e Organizações Não governamentais com vocação conservacionista, vale a pena destacar o Projeto Mercado da Mata Atlântica, que envolve vários Estados brasileiros, mais particularmente o objeto desse trabalho, São Paulo, mobilizando as comunidades tradicionais para colocarem suas características culturais no Mercado Regional, Nacional e Internacional. É uma iniciativa de manutenção de uma Cultura a partir do Capital, percorrendo o paralelo traçado por Begossi (2004), entre a Ecologia e a Economia, como modelos que alocam a melhor forma dos recursos próprios para uso dos recursos naturais limitados.

O Projeto Mercado da Mata Atlântica se movimentou para certificar internacionalmente os recursos naturais do Bioma Mata Atlântica usados pela Cultura dos povos tradicionais que vivem desse Bioma. Foram certificados 50 itens, destes 21 são usados pela Cultura Caipira - Algodão, Essências vegetais, Araucária, Cipó Cambira, Cipó Timbupeva, Cipó Imbé, Fibras de Bananeira, Milho, Palha de Milho, Cana de açúcar, Bambu, Junco, Coco, Mandioca, Taquara, Frutos, Sementes, Madeira Reaproveitada, Barro e Argila como matérias primas para a confecção de produtos artesanais, alimentícios, farmacêuticos, cosméticos, ornamentais, mobiliários, florestamentos e brinquedos.

De pronto, parece ser uma iniciativa interessante, pois alia a Cultura local com o manejo do Bioma. No entanto, é importante pensar que as restrições de uso e ocupação do Bioma Mata Atlântica imposta pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação e executado pelo Instituto Chico Mendes na forma de Parque Nacional e pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, na forma de Parque Estadual, foram flexibilizados não pela Cultura Caiçara e o uso cotidiano dos recursos naturais como subsistência dos grupos sociais locais, mas pelos elementos Capital - Trabalho, criando uma pseudo - incorporação cultural local e uma pseudo - inserção social da Unidade de Conservação na vida do grupo social Caipira Paulista.

CONCLUSÃO

O que preocupa é o modo como se pensa a dimensão social do Bioma, do manejo do recurso natural e da etnia permeada pelo Símbolo de Mercado que poderia ser grafado: CONSERVAÇÃO dos recursos naturais, uma vez que sua expressão mercadológica se coloca como expressiva e condicional para a atualização do uso cultural de recursos de um ecossistema.

Portanto, respondendo ao problema deste trabalho: o uso de instrumentos de certificação de recursos (matéria - prima) e produtos da Mata Atlântica, como estratégia de conservação dos recursos naturais e da cultura tradicional local,

seria suficiente para gerar uma identidade para a Instituição Unidade de Conservação (Parque Nacional e Parque Estadual) do *Hotspot* Mata Atlântica como um elemento social da cultura Caipira? O que se conclui é que a hipótese respondeu como assertiva, quando defendeu que os recursos da Mata Atlântica utilizados pelos Caipiras somente foram socializados para uso do grupo social após terem sido ressignificados como recursos do mercado ocidental capitalista. Esse desdobramento não configura a manutenção da cultura, mas a apropriação desta, juntamente com o recurso natural protegido, como recurso de mercado.

O discurso que perpassa pela relação grupo social tradicional e recursos naturais diz respeito a uma atualização da cultura, mas o que se quer vender é uma cultura tradicional transformada em bem de capital. Logo a Unidade de Conservação do *Hotspot* Mata Atlântica não se constituiu, com a estratégia do Mercado da Mata Atlântica, em um elemento social da cultura caipira, mas como elemento de ressignificação da cultura. A produção Artesanal Caipira se transformou em um meio de produção em escala mercadológica capitalista de produtos locais, de uso cotidiano caipira, se desconfigurando a temporalidade, a produtividade e a relação original dos Caipiras paulistas do Vale do Paraíba com a Mata Atlântica.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Begossi, A. (Org.) *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: NUPAUB - USP - HUCITGEC, 2004.
- Chinoy, E. *Sociedade*. Uma introdução à Sociologia. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Costa, J.P.O. Avaliação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Disponível em: http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_06.pdf Acessado em 11/11/2008.
- Diegues, A.C.S. (Org.) *Etnoconservação*. Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos, 2ed. São Paulo: AnnaBlume/NUPAUB - USP/HUCITEC, 2000
- Gragson, L. e Brount, B.G. *Ethnoecology: knowledge, resources, and rights*. Athens: University of Georgia Press, 1999.
- Leff, E. *Ecologia, Capital e Cultura*. Racionalidade Ambiental, Democracia Participativa e Desenvolvimento Sustentável. Brumernau: Ed. FURB, 2000.
- Lévi - Strauss, C. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.
- Martins, M.S.; Róz, A.L.; Machado, G.O. Mata Atlântica. Disponível em: <http://www.educar.sc.usp.br>. Acessado em: 07/02/2009.
- Ribeiro, D. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- Sandeville Junior, Euler. A Divisão Natural das Paisagens Brasileiras. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, v. 18, p. 71 - 98, 2004.
- SOS MATA ATLÂNTICA. Projetos SOS - Sustentabilidade. Disponível em: <http://www.sosmatatlantica.org.br>. Acesso em: 15/03/2009.